

A Fraternidade

ORGAO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA

SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARÃES

ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte) 1200 *

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º

Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade

EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

TORPES

«O Andeiro, fôra golpeado a poucos passos da rainha amante, e o bispo enrulhado na sua batina róxa, viêra cair aos pés da turba enfurecida, que lhe descarnou ás chuçadas os ossos esmigalhados e, em nivos de odio, o levou de rastos, dilacerado pelas ruas lamacentas da cidade, como se fôsse um cão morto. Teem d'estas allucinações medonhas e d'estas feroçidades odientas as revoltas dos povos que mais se humilharam e mais soffreram! São as iniquidades monstruosas da sua dôr e das suas vergonhas.»

(Campos Junior.)

E, assim é. Tem limite a paciencia magra e descarnada do povo, quando chega ao maximo da vergonha.

O seculo, o anno, o dia pouco importa: o padre só depois de concluidos os seus estudos relata os horrores porque passou; o bacharel só depois de formado descreve as injustiças de que foi victima.

Então revoltam-se, sublevam-se e assemelham-se á insurreição, unanime e terrivel, d'um povo.

É o que é um rei que não pratica torpezas? Poderia, prevalecendo essa hypothese, merecer o nome de magistrado superior de uma nação, auctoridade indiscutivel de um paiz? Querem saber o que nós pensamos de um rei e dizermos-lhes qual é a origem de uma revolta nacional? Um rei, sem ser homem, é, comtudo, um personagem elevado: despota e medroso, mau e inconsciente, pusillanime e covarde approva os actos inaptos de um ministro e censura a colera surda do povo, porque tem a apoiá-lo a numerosa força armada. Retirem-lhe

esse apoio, abandonem-o, lancem-o á mercê dos seus actos e n'elle formar-se-ha um caracter digno.

N'elle pôde não haver má indole, possuir maus instinctos; mas a sua supposta superioridade fal-c irascivel, insensato, insupportavel, despota para os inferiores. O rei não é, pois, um culpado: a raiz envenenada e que nos tortura com inconcebivel vagar é o regimen, é o poder hereditario estabelecido.

Perguntem a um luvrador pacato se quer ser rei: notar-se-lhe-ha, logo, pelo brilho fulgurante dos olhos, as infamias que a posição ambicionada lhe inspiraria. Esse rei a que alludo é a origem da revolta: não é o homem sem posição, nem o homem que comprehendemos da significação geral da palavra, que provoca a tormenta. Este se não é totalmente generoso, magnanimos, é, em todo o caso, racional, consciente, possui uma alma, um espirito, raciocina embora limitadamente. Qual é então a origem, o principio, a semente que produz a revolta?

E' o regimen, é o titulo de rei, é o poder constitucional, é a convenção, é a fórmula, é tudo menos o homem.

Pensamos desenvolver o thema que precede este artigo e embrenhamo-nos em outras considerações. Aproveitamos o thema alludido porque nos pareceu proveitoso para um exemplo que a situação actual pôde originar. As molas pôdres da nossa constituição pedem uma reforma e os nossos dirigentes um fim identico ao do Andeiro ou do bispo. Bandos de carnivoros esfomeados e cegos não vêem a polvora, nem as consequencias d'uma explosão. Tolos sem audacia só os move o interesse, só os guia o desejo

de usufruir riquezas. Estadistas em Marrocos nunca os houve peores; salteadores na Calabria nunca os houve mais ambiciosos. O que é, pois, o regimen constitucional portuguez?

Recebem-se assignaturas para este jornal, na Chapellaria Baptista, rua Formosa, n.º 285—Porto.

A canalha

Mais uma infancia

Sentimos uma colera surda, uma irritação violenta no nosso espirito ao compôr este breve artigo. Houve crianças que a idade fez homens, que o convívio tentou civilisar, que a benevolencia de muitos conseguiu livrar da prisão, mas aos quaes o caracter nunca passou do estado embryonario e primitivo, o espirito nunca comprehendeu o que é a razão, o sentimento e a humanidade. Julgar descrever um canalha é uma illusão; mas desafiar um poltrão a um desforço equitativo é uma chimera inventada por uma alma sã. Reproduzimos abaixo um officio que enviamos aos commerciantes d'esta villa snrs. Duarte & Irmão. N'esse officio pergunta-se, respeitadamente, qual o motivo porque foi despedido da casa commercial dos mesmos snrs. o nosso collega José do Nascimento Duarte. Enviado o officio legalmente registrado e dispostos, de boa vontade, a liquidar esta questão com toda a urbanidade, critério e prudencia, esperamos onze dias pela resposta que, naturalmente, suggeriria o officio citado. Illudidos nas nossas previsões, extincto o ultimo conceito que nos mereciam os negociantes alludidos, procuramol-os para esclarecermos verbalmente a questão já tratada no officio. A uma pergunta nossa, delicadamente formulada, o sr. Anselmo Duarte replicou-nos abruptamente, com fanfarronadas de covarde e com gestos de um perfeito selvagem. Não nos admira tal procedimento, não esperavamos outra recepção de tão prestante cavalheiro.

Pela dura pratica que temos

da vida, apprendemos a conhecer os homens pela phisionomia: adivinhamos-lhes as maquinações infames que conservam na alma e os projectos ambiciosos que occultam no limitado cerebro. Assim, os snrs. Duartes,—que tanto podem viver em Barcellos como na Calábria—inspiram-nos a mais completa repulção, o mais vivo desprezo, o nojo mais manifesto e total que é possível animar homens de sentimento e de generosidade. Não nos movem resentimentos antigos, nem entre nós ha contendas pessoas: temos uma alma para prevêr as dores alheias e um coração para lamentar e protestar contra injustiças que nos repugnam.

Já acima dizemos que um canalha não se descreve: tem tantos aleijões moraes e phisicos que era preciso um caracter identico para positiva e fielmente o definir.

Um pulha é mais facil de retratar: conquista crianças, sedulas, abandona-as quando no estado gestatorio, realisa negocios pouco licitos e convive com patifes que se lhe assemelhem em acções. Quando lhe pedem uma satisfação, como no caso presente, inquietá-se, manifesta os sentimentos pulhas que o dominam, arrebatá-se e termina mostrando a educação banal e pouco cuidadosa que lhe inculcaram quando criança. Segue-se a transcripção do officio e para o proximo numero continuaremos com as nossas apreciações.

Ill.ªs e Ex.ªs Snrs.

Tendo conhecimento que V. Ex.ªs haviam dispensado os serviços do nosso collega José do Nascimento Duarte, e constando-nos que com injustificados motivos V. Ex.ªs propalam que aquelle nosso camarada se havia conduzido incorrectamente durante o tempo que esteve ao serviço de V. Ex.ªs, vimos respeitadamente inquirir quaes as razões que originaram a retirada do nosso collega da casa commercial de V. Ex.ªs. Não devemos V. Ex.ªs estranhar a nossa intervenção n'este caso, visto a nossa obrigação de zelar os interesses e bom nome de todos os nossos camaradas e amigos. Muito nos obsequiavam que as affirma-

(Ao regresso do meu illustre amigo e confrade José da Costa e Brito.

Ha já decorridos nove annos que o meu pobre coração sentia a falta d'um dos meus mais carinhosos amigos.

Com elle passei parte da minha saudosa infancia; com elle me distrahia e espalhava as minhas dôres de rapaz; com elle estudei as primeiras letras, sentindo-me verdadeiramente feliz. Tempo veio, em que o destino o forçou a cumprir um dever que hora a hora mais se lhe aviventava no espirito.

Oh! esse dever, foi para mim, um punhal cravado em pleno peito!...

Os laços da amizade que nos prendiam, iam partir-se; as ternas blandicias de que usavamos, iam apagar-se; as doces palavras de bons discipulos e intimos amigos, iam extinguir-se nos ruidos do bravo oceano.

Chegou enfim o momento opportuno da nossa separação; e os meus olhos, no ultimo adeus de despedida, vedaram-se-me com grossas lagrimas.

Partiu... partiu, deixando o seu maior amigo n'uma tristeza infinita.

Logo d'ahi a alguns dias soube, pela familia do mesmo, que livre de perigo, tinha chegado á sua ambicionada terra; ou seja esse que outr'ora foi nosso e que hoje está independente — o Brasil!...

Foi para a cidade do Pará, que aquella meu predilecto amigo se arrojou!

Longe da patria, da sua saudosa terra natal, dos carinhos e afagos de seus estremecidos paes, da bonhomia e ternas palavras de seus amigos, de tudo enfim—aquella alma juvenil estava.

Era um coração inatingivel e lhanadamente pathetico, um character acendrado e affavel, uma alma cheia de enthusiasmo onde fervia o sangue da juventude.

Nove annos rolaram vertiginosamente para as galés do passado, sem que o pudesse abraçar; e eis agora o telegrapho a trazer-me a boa nova, d'aquelle que na infancia foi um inseparavel amigo, de que dava entrada na cidade de marmore e granito. E hoje, ao deslizar suavemente sobre o papel estas linhas, eis-o chegado á terra natal a abraçar seus estimados paes e os amigos que tanto lhe queriam.

Jubiloso de contentamento vou estugar-me em agradecer ao Altissimo as esperanças que sempre em mim imbuíram; e hoje, radiante de alegria e immerso n'uma nuvem de grande enthusiasmo, o abraça fervorosamente, o seu inseparavel amigo e confrade, antojando-lhe uma feliz saude e um futuro sorridentissimo.

João C. Magalhães Junior.

Original de féra

Continuamos a luctar com enormissima falta de espaço! Por este motivo, ainda hoje fica de féra maittissimo original, do que pedimos desculpa, e muita, aos seus auctores.

Carta do Porto

22-2-906

Bem lhes dizia n'uma das ultimas cartas que o Porto estava reduzido a festejar o Carnaval e com restricções. A policia não deixou sair um carro de critica que o Club Fenianos tinha preparado; o despotismo chega a tudo, a censura exerce-se na imprensa, no theatro, na tribuna e até na publicidade de livros que como o de Basilio Tellesfoi apprehendido; as eleições como unico protesto legal que nos restava, são infamemente roubadas. Que devemos fazer?

Prepararmo-nos para o grande dia em que possâmos fazer triumphar os nossos direitos civis e politicos auxiliando a boa imprensa, as escolas liberaes e frequentando as escolas de tiro civil; só assim poderemos assegurar a a liberdade, isto é, o engrandecimento e prosperidade da patria e fazer com que um dia os caixeiros e todas as classes trabalhadoras possam ter nas altas regiões do governo quem se interesse pelo seu bem estar.

—Referindo-me ao auxilio á boa imprensa entendo que todo o caixeiro que não assigna pelo menos um jornal da sua classe atraiçoa a causa dos seus irmãos de trabalho, é um sêr desprezivel e inutil, sobre tudo quando é pretencioso e com prosapias de sabio.

Estes pandilhas descouhecem ou, melhor, despresam as associações, jornaes, etc., tudo o que os honra e dignifica, para serem *mentiros do bom tom*, é a mania das grandezas que os torna aristocratas e fidalgos. E' este tambem um grande mal que affecta todas as classes, mas em Portugal é isto, todos os idiotas nascem com pretensões a fidalgos da mais alta linhagem.

—Na União dos Empregados de Commercio temos uma Commissão de Aulas que é digna de todos os louvores, tem sido incansavel no cumprimento do seu dever e felizmente tem visto coroados de bom exito os seus esforços; a sua melhor obra é sem duvida a escola dos marçanos.

Pensam tambem n'uma escola pratica para habilitar o maior numero a defender nas reuniões publicas o Direito, a Rasão e a Justiça que nos assistem.

A falta de caixeiros oradores tem sido muito sentida nas excursões onde vão muitos que sabem tocar ou berrar, mas muito poucos que subam a uma tribuna para esclarecer, instruir e orientar.

Por este motivo approvo de todo o coração tão bella iniciativa, que marca na historia da nossa classe mais uma pagina de gloria e triumpho.

—A proposito do descanso dominical observam-me que

estando o governo a tombos com a questão dos tabacos, acontece o mesmo como quando da questão religiosa e do convenio, que é reclamarmos a lei em vão.

Não terão as quadrilhas politicas que nos dominam interesse em decretar uma lei que divida as atenções de qualquer questão em que as mesinas quadrilhas andem envolvidas?

Parece-me que sim.

—O meu illustre collega o correspondente de «A Luz de Commercio» em Coimbra apreciando um artigo meu referente ao que se passou n'aquella cidade, diz que eu tenho muita fé nos governantes e revela-se um grande republicano; não sei se foi descontentamente pela monarchia ser pessima governante ou se foi amor aos bons principios, em todo o caso republicano, pelo que o felicito.

Creia, pois, o meu bom collega que, sempre que o Regimen despresa as reclamações d'uma cidade ou d'uma classe conservadora, faz o jogo da democracia, porque vae aprofundar cada vez mais o descontentamento; por isso o nosso dever é fazer com que todos reclamem e assim teremos servido a causa democratica que é a causa da nação.

No entanto, se um dia lá vae o partido nacionalista temos pela certa o descanso dominical; notando o collega que o partido dos carolas não vae lá com o meu voto, porque não tenho vontade nenhuma de admirar esses bellos e sublimes espectaculos de regeneração social como eram as benditas fogueiras da Santissima Inquisição que Deus Nosso Senhor haja em santa gloria para todo sempre. Amen.

Baptista Junior.

10-3-906

Contava-me uma velhota, que tinha sido criada em Braga muitos annos, que a confissão era muito boa para os creados da gente rica, porque quando os patrões eram maus, pediam aos confessores que lhes fizesse ver as injustiças que commettiam para com os seus servos e elles quasi sempre attendiam o conselho dos padres, como aconteceu, muitas vezes, com uma senhora muito má que ella serviu.

Os caixeiros, que lêem pela cartilha da velhota e que infelizmente ainda são muitos, peçam aos seus confessores que não absolvam os crentes que fazem compras ao domingo nem os patrões que vendem, porque ambos calcam aos pés os mandamentos da lei de Deus.

Eis as considerações que me suggere a quaresma, tempo de hypocrisia ou ignorancia, habilmente explorado por um clero sem crenças, porque se fosse sincero, o descanso dominical era um facto.

Baptista Junior.

ções que fizessem relativas ao nosso pedido, sejam baseadas em justificadas razões e apoiadas por o testemunho de pessoas imparciaes e insuspeitas. Na hypothese de não ser attendido o presente officio, daremos publicidade ás affirmações que V. Ex.^{as} propalam, e que julgamos calumniosas, acompanhadas de apreciações indispensaveis.

Barcellos e redacção do jornal «A Fraternidade», 28 de Fevereiro de 1906.

Aos Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs. Duarte & Irmão.

O director d'«A Fraternidade»

João de Souza.

*

NOTA—A todos os collegas que nos honram com o favor da sua permuta pedimos a transcrição do presente artigo e officio.

A redacção.

Prevenção

Fazemol-a a todos os nossos assignantes, de que a administração d'«A Fraternidade» procede, por via postal, á cobrança do 3.º semestre de assignatura.

A todos pedimos o favor de pagarem os recibos logo que lhe sejam apresentados, para evitarem a devolução d'elles, pois devem comprehender que não tendo «A Fraternidade» outra receita que não seja o producto das assignaturas, grandes transtornos nos faz o não pagamento dos recibos.

—Pedimos a todas as pessoas a quem enviamos este jornal, o favor de o assignarem; e, no caso de não quererem obsequiar-nos com a sua assignatura, é tambem favor a devolução do jornal.

Pesames

Ao nosso presadissimo amigo, distincto correspondente d'esta villa para «O Seculo» e digno ajudante de notario, sr. Domingos Carreira, enviamos sentidos pesames pelo fallecimento de sua estremecida mãe, a sr.^a Anna Maria de Sousa.

—Tambem ao nosso presado amigo sr. Manoel Pinto de Sousa, co-proprietario da typographia onde é feito este jornal, enviamos condolencias pela morte de sua estremecida esposa.

«O Commercio de Barcellos»

Conta mais um anno de existencia o nosso presado collega local—«O Commercio de Barcellos»—orgão do partido progressista.

Ao distincto collega, as nossas cordeaes felicitações.

Anniversario

Completo no dia 4 do corrente 23 annos d'idade o nosso prestante amigo José Augusto da Silva Guimarães, illustrado correspondente de «A Luz do Commercio» em Coimbra.

Ao nosso estimadissimo amigo, as nossas felicitações.

A FRATERNIDADE

Pelas victimas do «Aquidaban»

Manifestação de pesar em Barcellos

«Sobre o algido leito do mar, que foi o assassino também d'esses intrepidos marinheiros que o tripularam, repousa agora, transformado em funebre mausoleu, o heroico couraçado que as balas da independencia pouparam e a explosão aniquilou».

Foram brilhantes, imponentes e dignas de registo e de louvor para a commissão que as promoveu, as demonstrações de sentimento effectuadas n'esta terra no dia 4 d'este mez, em homenagem de pesar pelas victimas do magnifico couraçado brasileiro—*Aquidaban*.

O coração do povo barcelloense, n'aquelle dia, esteve mergulhado no mesmo luto, na mesma dor e no mesmo pesar que avassallou o povo brasileiro, pelo desastre horrivel, tremendo e tragico, que deixou despeçado, no fundo do Atlantico, o valente couraçado que se tornou notavel e se considerou poderosissimo, n'essa tremenda guerra da independencia do Brasil.

As balas, que então das fortalezas caíam sobre o *Aquidaban*; nem a fusilaria das metralhadoras e das espingardas da guarnição de terra, nunca o fizeram enfraquecer; antes o tornaram audacioso, valente e intemerato no cortar das aguas e no despejar de granadas!

Mas a explosão, ocasionada nos seus paioes de abastecimento de pólvora, reduziram-no a pedaços, aniquilando a sua guarnição, inutilizando, assim por completo, aquelle grande eão dos mares!

Triste!

Sem glorias, sem combate e sem poderem voltar um olhar unico para a bandeira da patria, —para esse pavilhão augusto que amaram e defenderiam sempre— a tripulação do valente couraçado foi quasi que completamente disimada, obtendo por tumulo as aguas do mar! Morreu debaixo da bandeira da sua patria, a valente marinagem do *Aquidaban*!

E' dilacerante a dor do povo do Brasil—das familias dos marinheiros que morreram!

Mas tambem é grande a dor dos portuguezos, que partilham de igual dor acerba, de igual amargura e de igual sentimento. Porque o povo brasileiro tem do nosso sangue—do sangue dos portuguezos—e do sentimento que une os povos descendentes da mesma raça de heroes.

Que vá mais uma vez o nosso pranto, e o de todos os caixeiros portuguezos, juntar-se ás lagrimas brasileiras.

Transcrevemos, com a devida vénia, do nosso presado collega local *O Commercio de Barcellos*, a parte discriptiva das manifestações de condolencia realisadas n'esta villa:

Realisaram-se no ultimo domingo, como acima dizemos, as manifestações de condolencia pelas victimas do desastre do *Aquidaban*.

As manifestações foram impo-

nentes e dignas de se tornar notaveis, pelo seu caracter de verdadeiro sentimento e pela interpretação que tiveram por parte de todos os barcelloenses.

AS EXEQUIAS

realisadas na igreja matriz, presididas por sua ex.^a rev.^{ma} o sr. D. Antonio Barroso, venerando prelado da cidade do Porto e nosso estimadissimo patricio, tiveram desusada concorrencia, sendo esta de pessoas o que ha de mais distincto em Barcellos.

Auctoridades civis e militares, camara, associações e casas de beneficencia, tudo, enfim, alli esteve larga e distinctamente representado.

O luto era pesado. A igreja ostentava uma decoração de finissimo gosto e a orchestra foi irreprehensivel, para o que muito contribuiu o saber e competenteissima direcção do laureado maestro sr. Sousa Moraes.

O decorador e armador sr. João Esteves, apresentou uma armação esmerada e capaz de satisfazer a todas as vontades.

O orador foi o rev. dr. Bernardo Chousal, distincto professor do seminario de Evora. Foi brilhante, sentida e notavel a sua oração.

Por vezes nos pareceu que o talentoso orador havia sido testemunha ocular do horroroso desastre do *Aquidaban*, laes eram a sua erudição, a forma e as imagens finissimas e bem adequadas do seu bello discurso.

Referiu os laços de verdadeira sympathia que unem o povo portuguez ao brasileiro, pondo em destaque os brilhantes feitos militares do Brasil e a corrente patriótica que sempre tem irmanisado e ha-de apertar cada vez mais os dois povos de igual raça e de igual heroismo.

Foi soberba a oração do talentoso orador, e se não fosse o ter de ser impressa e distribuida a sua brilhante peça oratoria, alongar-nos-íamos a tentar dar uma ideia, ainda que vaga, do seu primoroso discurso.

A manifestação religiosa terminou ahí pelas 2 horas da tarde, com o *Liberame* a grande instrumental, deixando em todos bellas impressões.

A' noite, ahí pelas 9 horas, começou.

O SARAU

no theatro Gil Vicente.

A nossa alegante sala de espectaculos ostentava uma ornamentação distincta. Eram colchas de fino damasco que pendiam de todos os camarotes e frisas. No atrio, galerias e corredores, grande quantidade de arbustos.

Principiou esta manifestação pela execução do soberbo 3.^o acto da opera do maestro brasileiro Carlos Gomes *Il Guarany*, pela banda dos B. Voluntarios. A execução foi superior, sob a regencia do nosso presado amigo sr. Domingos Carreira, illustrado correspondente de *O Seculo* e digno regente da mesma banda.

O discurso do sr. José de Beça e Menezes, proferido pelo sr. Antonio de Azevedo, foi muito apreciado.

As poesias dos srs. Visconde de Godim, Arnaldo Braz, José de Queiroz e Antonio de Azevedo, recitadas pelos mesmos, excepto a do sr. Arnaldo Braz que foi recitada pelo sr. Jeronymo Monteiro, são tambem cheias de mimo e de sentimento pelas victimas do *Aquidaban*.

O sr. dr. Monteiro disse um discurso breve mas brilhante.

A *ceia dos Cardeaes* teve bello desempenho pelos srs. Visconde da Ferveça, Antonio d'Azevedo e Eugenio de Azevedo, que mantiveram n'esta mimosa peça litteraria de Julio Dantas os creditos que possuem, e distinctos, de amadores competentissimos.

A *Roca d'Hercules*, comedia representada pela sr.^a D. Elisa Gomes Vinha e pelo sr. Visconde da Ferveça, teve interpretação correctissima, pelo que mereceram applausos os referidos interpretes.

O sarau teve concorrencia distincta

Foi, como se vê, uma manifestação importante, a que no ultimo domingo se fez em Barcellos em homenagem ás victimas do *Aquidaban*; pelo que cabem louvores aos que a promoveram e a todo o povo barcelloense, pelo dever civico que cumpriu e pela forma de veras sentida como se associou a todas aquellas manifestações.

Nós aqui depomos, mais uma vez, o nosso cartão de condolencias ao Brasil, pela catastrophe que o enlutou.

Impressões da minha terra

De visita a minha extremosa familia, regresssei a esta nobre cidade no dia 3 do corrente, ainda debaixo da viva impressão causada pelas verdadeiras provas d'amizade dos meus amigos d'infancia, e lembrando-me ao mesmo tempo d'aquellas bellas noites do velho carnaval passadas em companhia d'aquelles que me são caros, e no convívio dos meus amigos, que nunca me deixaram de acompanhar durante os poucos dias que lá estive.

Por isso venho por este meio testemunhar o meu reconhecido agradecimento, aos meus amigos que me deram as mais arreigadas provas de verdadeira amizade e estima, que provavelmente foram imerecidas na minha humilde pessoa.

O carnaval na minha terra é uma cousa insipida: apparece n' mascaradas sem graça, e sem espirito, e mesmo algumas que apparecem fazem nauseas pela forma como vêem vestidas, todas cobertas de ultrages já em estado de putrefacção; mas duas cousas achei que bastante me captivaram pela forma como foram organisadas. Vou a descrever o que se passou.

No domingo gordo. O dia estava claro, no céu nem só uma nuvem se encontrava, pelas ruas muita animação, e enquanto isto se desenrolava um grupo de rapazes do qual eu fazia parte, combinava-se a melhor forma de termos n'essa noite um divertimento: dito e feito.

Por alvitre d'uns, mandámos

fazer uma bella ceia, a qual correu na melhor ordem, como era facil de prevêr, pois que n'ella entravam rapazes de respeito e consideração, entre muitos recordo-me dos seguintes:

Joaquim das Neves Poupinha, João das Neves Poupinha, Antonio Luiz, Manuel Luiz, Manoel Ferreira, Antonio Ladislau Almeida, Antonio Camillo, Antonio Affonso Madeira, Vicente Parinho d'Almeida, João Paixão, Candido Paulo, João Salvio, Bento Durão, e o humilde auctor d'estas linhas.

Esta memoravel ceia correu na mais santa paz e harmonia, entrecortada por alguns dizeres engraçados, mas que nada prejudicavam; terminou seriam 2 horas da noite, indo nós para os bailes acabar de divertir-nos por essa noite, que para mim ficará gravada na memoria.

Emquanto á segunda, consta do baile realizado na sociedade, que correu animadissimo, dançando-se animadamente até ás sete horas da manhã de quarta feira de cinzas.

Neste baile, em que estava representada a élite brinellense, além de se dansar houve alguns monologos, e cançonetas, sendo seus interpretes os amadores dramaticos Almeida, Manoel Luiz, e Manoel Ferreira, e um amator desconhecido lá da terra, que pena foi não haver batalas na occasião, que eram bem empregadas.

Não me alongarei mais com esta minha noticia, por saber que a «Fraternidade» luta com muitissima falta de espaço, e não ser assumpto de maxima importancia para a classe, pois que é este o seu programma traçado e na sua curta mas gloriosa existencia ter seguido.

ATENÇÃO!!!

O boato espalhado na nossa terra em que eu era alvejado, não teve fundamento, não passou d'uma chalaça inventada por algum dos nossos amigos.

Sciabal, 6—3—906.

J. L. Cavaco.

Ruidos do Vez

IV

Arcoos, II.

Deixo de, n'este numero, me basear na justa causa do caixeiro portuguez para, mui acatadamente e com sublime prazer, estugar-me em especificar a um meu predilecto, para qual de nós foge a razão.

As intellectualidades cá na parvonia andavam decerto muito acobertadas. Graças ás minhas *asneiras* e *diabruras*!..

Tal foi a má impressão que lhes produziu nos ouvidos a minha correspondencia do n.º 24 d'este periodico, que, *Deus seja louvado!*.. appareceram enfim á luz phosphorescente da publicidade essas... tão cadinas memorias que jaziam immersas n'um profundo silencio.

No ultimo numero d'este quinzenario, tudo eram correspondencias dos Arcoos. Não, com

franqueza, se isto assim vae augmentando... a nossa querida *Fraternidade* tem de passar para os de cá.

Coragem rapazes, *avoir la langue bien effilée*.

Mas, vamos ao caso, preciso mostrar aos leitores que se me não rubificaram as faces ao lér a prosa que no numero antecedente se referia á minha pessoa. Antes pelo contrario me rodeia o espirito uma alegria insupperavel, um immenso entusiasmo, sobrevido pela grande união e esforços que a classe a que pertencemos nos vem roborando e tecendo.

Aquella prosa fulgente mais aviventa nos cerebros d'uma classe inteira e d'um povo completamente luso, a baixeza a que chegaram alguns commerciantes d'aqui, preferindo manchar a sua dignidade, o seu criterio emfim a sua honra a troco de algumas moedas de cinco que poderiam apurar durante aquellas poucas horas de encarceramento.

E agora, meu caro Marquez de Chaviães (em brochura), vou responder: Mas, não acho verdadeiramente pathetico occultar-se por detrás da cortina do anonymato. Seria bom que todos saibam quem somos e com quem nos havemos.

Portanto, sr. Joaquim Guilherme da Costa, eis-me no campo da peleja, roborando estrepito as minhas preliberadas razões. Apesar que... não vale apenas, *tirer sa poudre aux moineaux*.

Não sabia o amigo a fórma como apresentar-se nas columnas d'este nosso altilquo defensor, e achando então uma fenda entreaberta por onde romper, appareceu, clareando no espirito dos nossos leitores a sua fina pericia de um prosador distincto e um preclaro juiz da verdade.

Não estou acuitado com as suas linhas, nem tampouco envolto n'um labyrintho de que me não possa defender.

As suas doces e melodiosas palavras, demonstram incontestavelmente a completa ignorancia em que jaz; porque decerto não viria a publico com tão ridiculo assumpto.

Quem pela vez primeira, alinhavando duas linhas para um jornal, tenta evidenciar-se, elevando-se a grandes alturas, não escolhe nem principia, fustigando, um apologista da classe que só pugne pelos direitos d'ella e nada mais.

Emfim a vaidade tudo isso permite, mas tambem, sendo descortez, emprega-se-lhe o ríflão—à folles paroles sourdos oreilles.

Responderia com muita mais satisfação, amigo Joaquim, se essas poucas e pobres linhas que li, fossem brotadas pelo seu cerebro,—o que devéras lamento, deixando patente n'estas, o meu voto de sentimento, por ter de recorrer a um seu amigo para lhe encher dois ou tres linguados em que n'elles mostrasse a sua grande aptidão para as letras.

Mas, finalmente a fenda que encontrou entreaberta para dar logar á sua passagem transformou-se n'um abysmo profundo

cheio de espinhos e abrolhos.

Corta pela razão, diz.

Sim, acredito que corte pela razão, mas tambem me honro de ser verdadeiro no que digo.

Diz então o meu amigo porque razão frisei apenas os dois alludidos commerciantes e não o proprietario do centro commercial?

Agora respondo eu:

Pela mesma razão que o amigo Joaquim entendendo que se elevaria com a sua polemica, veio elucidar-me imbuindo no espirito dos nossos leitores que a sua imperterrita linguagem ficaria na vanguarda de todas as outras, rebaixando a minha informação. Se me tivesse lembrado do commerciante a que se refere decerto o incluiria tan bem, porque da minha mente não brotam fabulas, nem tão pouco guardo odio ao meu maior inimigo para o guardar como diz aos commerciantes a que me referi, meus intimos, principalmente um d'elles.

Diz tambem, que me collocaria em melhor posição se dissesse apenas a expressão da verdade. Só de um espirito muito leviano poderão sair essas grotescas linhas.

Pretende o amigo Joaquim fazer crer aos meus leitores que não é verdade o que disse no n.º 24 d'este quinzenario? Tem graçat...

Por certo não seriam elles os dois commerciantes a que me referi, embora outros tambem os auxiliassem, a origem de finalisarem essas poucas horas de descanso que tinhamos em cada semana?

O amigo ao escrever ou assignar essas desataviadas linhas, estava incontestavelmente com o espirito envolto em trevas. Não admira; muitas das vezes fazem-se tolices por se não perceber o que outros rabiscaem. Emfim, já vou sendo um pouco extenso e o tempo escasseia-me bastante.

Mas, caro Joaquim, fique certo que a razão foge sempre para o meu lado, e não-de merecer mais credito aos leitores, estas pobres e desataviadas linhas, do que a portentosa linguagem que o amigo assignou. Portanto que *Dieu vos accompagne*.

Jusque la vue.

Magalhães Junior

Famalicão, 8

Sendo a primeira vez que escrevo nas columnas da «Fraternidade», cumpro o dever de agradecer á sua redacção o convite com que me honrou para eu ser seu correspondente n'esta terra, convite que muito me penhora e que farei sempre por a elle corresponder tão bem quanto as minhas forças o permittam; pugnando sempre pelos interesses d'este jornal e pelos de nós todos.

Aos seus leitores peço a sua benovolenca e que me relevem qualquer falta involuntaria que commetta, porque, rudemente, sem phantasias, impuz-me a lutar sem tibiezas em favor da nossa infeliz classe.

E' ardua a missão que me

impuzeram, mas mais difficil se tornará ainda se eu não encontrar em cada caixeiro um luctador e em cada amigo um auxiliar.

—Encontra-se entre nós o nosso bom amigo e collega braçarense Remigio Fonseca da Costa.

—Por carta recebida do Rio de Janeiro, soube que está muito bem collocado o nosso collega e ex-tesoureiro d'esta associação, Antonio Gomes Ferreira da Costa.

Folgamos.

Otsenre.

N da R.—Ha muito tempo que procuravamos obter um collega que assumisse o cargo de nosso correspondente em Famalicão; porque é nosso desejo termos representantes em todas as terras onde haja associações e caixeiros.

E, felizmente, encontramos agora um collega que da melhor vontade annuiu ao nosso grande desejo. E' o illustre collega sr. Ernesto Lopes Guimarães, um espirito intelligente e um camarada disposto a auxiliar-nos n'este difficil campo onde permanecemos, dispostos a lutar pela classe.

Da actividade, dedicação e amizade do nosso novo correspondente, nós esperamos um grande auxiliar para a «Fraternidade».

A elle, os nossos sinceros agradecimentos pelos favores que já nos prestou.

Marco postal

H. S. S.—Lamego—Recebemos carta postal; muito obrigado pelos favores.

S. V. E.—Setubal—obrigado, pelos nomes indicados.

S. F. de C.—Aldegalleja—Recebemos seu postal. A falta que nos indicou, já a deve ter comprehendido. O n.º de 15 de fevereiro, por erro typographico, saiu com a data de—15 de janeiro. Desculpe, mas nós não temos culpa. Com os typographos nada se pôde fazer, por que elles fazem e compõem o que lhes parece e não olham os prejuizos que um erro dos d'elles nos pôde causar.

A. A. C.—Alcacer do Sal—Recebemos carta e fizemos o que indicou.

J. G. T.—Guimarães—Recebemos sua carta. O amigo tem razão. Desculpe.

M. J.—Arcos—Esteja certo que não nos esquecemos. Logo que haja alguma cousa, communicamos. Recebemos a importancia. Obrigados.

E. L. G.—Famalicão—Os jornaes para os collegas que indicou, vão conforme deseja.

J. L. C.—Setubal—Recebemos sua carta. Esperamos, sempre, o auxilio do amigo, e do tambem amigo que sabe.

J. F. F. J.—Povoá—Recebe-

mos carta e vale. Obrigados pelos favores.

I. O. e S.—Figueira da Foz—Recebemos importancia. Obrigados.

J. P. M. J.—Recebemos importancia. Agradecidos.

A camara municipal de Biarritz resolveu offerecer ao rei de Hespanha, por occasião do seu casamento, um riquissimo serviço de mesa, de ouro, que é um magnifico trabalho de ourivesaria.

O brinde é offerecido como recordação das entrevistas que o soberano teve com a sua noiva, Ena de Battemberg, em Mouriscot. Affonso XIII dignou-se acceitar a offerta.

Tambem nós a acceitavamos, sem reparo algum, acreditem.

Consta-nos que a Empreza Nacional de Navegação se prepara para tomar conta da nova carreira portugueza para o Brasil.

O subsidio do governo será de approximadamente 180 contos.

Os cães aristocraticos de Paris, que vivem aninhados nos regaços de seda das grandes damas, usam agora sapatinhos de pelica, de polimento, com meias de seda,—ou mesmo botas de duas solas, á ingleza, naturalmente por causa da *entente cordiale*.

Pobres cães!

Para se readquirir a voz

Assignalam de S. Francisco o seguinte acontecimento, que vae dar a todos os cantores já fatigados a doce illusão de recuperarem a sua voz: Um tenor, Mackenzie Wallace, que, ha uns dois annos, perdéra totalmente a voz, acaba, graças a um tratamento de uma extraordinaria simplicidade, de reentrar na posse de todas as suas brilhantes faculdades de cantor. Um medico americano declarou-lhe que se elle fosse capaz de passar um ou dois annos nos desertos do Arizona, occupando-se unicamente em passear e em respirar o ar fresco e puro d'essas regiões inhabitadas, a cura seria certissima. O tenor não hesitou e, munido-se do material preciso para um completo acampamento, foi, acompanhado d'um indio, estabelecer a sua barraca n'um local absolutamente selvagem, longe de toda a habitação, onde viveu dois annos, consagrando-se á caça e á pesca e levando uma vida socega-dissima. E o novo Robinson regressou ha perto de um mez, na posse de uma magnifica voz, reapparecendo, ha dias, na scena de New-York, onde alcançou um exito de arromba. Mas, caros leitores, estas coisas succedem sempre na... America!

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex. mo *Luiz*